

LITERATURA INFANTIL QUILOMBOLA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Gessiane Ambrosio Nazário¹

Prefeitura de Armação dos Búzios, RJ, Brasil/Professora nas séries iniciais do Ensino Fundamental I

Lucimar Rosa Dias²

Universidade Federal do Paraná/Setor de Educação/Departamento de Planejamento e Administração, Curitiba, Paraná, Brasil

RESUMO

Este ensaio tem por objetivo discorrer sobre a articulação entre a produção literária dirigida às crianças e a produção dos povos quilombolas. Trata-se de ampliar a discussão do papel da literatura infantil e a correlação com os sujeitos, neste caso, o sujeito quilombola. Em diálogo com Costa, Pereira e Dias (2022), Debus (2021), Araújo, Dias (2019) que vêm discutindo a literatura infantil e as relações étnico-raciais, estamos nos propondo a tratar da que intitulamos Literatura Infantil Quilombola. Nesse sentido, buscamos referenciar que tipo de literatura é esta, como vem sendo produzida e quem a está produzindo. O estudo inicial indica que ainda são poucos os títulos que podem ser considerados como parte desta categoria, porém eles são de fundamental importância e se coadunam com a perspectiva das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012).

Palavras-Chave: Literatura Infantil; Literatura Infantil Quilombola; Diretrizes Curriculares; Educação Escolar Quilombola.

QUILOMBOLA CHILDREN'S LITERATURE: A NECESSARY REFLECTION

ABSTRACT

This essay aims to discuss the articulation between literary production aimed at children and the production of quilombola peoples. It is about expanding the discussion of the role of children's literature and the correlation with the

¹ Doutora em Educação (UFRJ); Mestre em sociologia (UFF), Graduação em Pedagogia (UFF), Professora efetiva na Rede Municipal em Armação dos Búzios. Membro fundadora do Coletivo de Educação da Conaq. E-mail: Gessiane.ambrosio@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8107>

² Doutora em Educação (UFPR); Mestre em Educação (UFMS), Graduação em Pedagogia (UFMS), Professora Titular na Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação para as relações étnico-raciais ErêYá. E-mail: lucimardias@ufpr.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>

subjects, in this case, the quilombola subject. In dialogue with Costa, Pereira and Dias (2022), Debus (2021), Araújo (2018) who have been discussing children's literature and ethnic-racial relations, we propose to deal with what we call Quilombola Children's Literature. In this sense, we seek to reference what type of literature this is, how it is being produced and who is producing it. The initial study indicates that there are still few titles that can be considered as part of this category, but they are of fundamental importance and are in line with the perspective of the National Curricular Guidelines for Quilombola School Education (2012).

Keywords: Children's Literature; Quilombola Children's Literature; Curricular Guidelines; Quilombola School Education.

LITERATURA INFANTIL QUILOMBOLA: UNA REFLEXIÓN NECESARIA

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo discutir la articulación entre la producción literaria dirigida a los niños y la producción de los pueblos quilombolas. Se trata de ampliar la discusión sobre el papel de la literatura infantil y la correlación con los sujetos, en este caso, el tema quilombola. En diálogo con Costa, Pereira y Dias (2022), Debus (2021), Araújo (2018) que vienen discutiendo sobre literatura infantil y relaciones étnico-raciales, proponemos abordar lo que llamamos Literatura Infantil Quilombola. En este sentido, buscamos referenciar qué tipo de literatura es, cómo se produce y quién la produce. El estudio inicial indica que aún son pocos los títulos que pueden considerarse parte de esta categoría, pero son de fundamental importancia y están en línea con la perspectiva de las Directrices Curriculares Nacionales para la Educación Escolar Quilombola (2012).

Palabras-clave: Literatura Infantil; Literatura Infantil Quilombola; Lineamientos Curriculares; Educación escolar quilombola.

LA LITTÉRATURE JEUNESSE QUILOMBOLA : UNE RÉFLEXION NÉCESSAIRE

RÉSUMÉ

Cet essai vise à discuter de l'articulation entre la production littéraire destinée aux enfants et la production des peuples quilombolas. Il s'agit d'élargir la discussion sur le rôle de la littérature jeunesse et la corrélation avec les sujets, en l'occurrence le sujet quilombola. En dialogue avec Costa, Pereira et Dias (2022), Debus (2021), Araújo (2018) qui ont discuté de littérature jeunesse et de relations ethno-raciales, nous proposons d'aborder ce que nous appelons la littérature jeunesse quilombola. En ce sens, nous cherchons à faire référence à quel type de littérature il s'agit, comment elle est produite et qui la produit. L'étude initiale indique qu'il existe encore peu de titres pouvant être considérés comme faisant partie de cette catégorie, mais ils revêtent une importance

fondamentale et s'inscrivent dans la perspective des Lignes directrices nationales des programmes d'enseignement scolaire quilombola (2012).

Mots-clés: Littérature jeunesse; Littérature jeunesse quilombola; Lignes directrices pédagogiques; Éducation scolaire Quilombola.

INTRODUÇÃO

Se nossa memória é construída por meio das experiências que temos com o meio e se nos lembramos do passado, estando no presente, a noção de memória como conservação total do passado não consegue se manter, visto que a nossa percepção do passado não é a mesma do presente, mudamos de grupo, mudamos nossa forma de pensar, de “encarar” a realidade nossa forma de enxergá-la, nossos valores, enfim, o lembrado acaba se modificando com o tempo e não chega “ileso” até o presente, no momento da lembrança. (Amanda Crispim Ferreira, 2013, p. 19)

Talvez o mais difícil de todos os gêneros literários seja a história para crianças. Gênero ambíguo, em que o escritor é forçado a ter duas idades e pensar em dois planos: que precisa ser bem escrito e simples, mas ao mesmo tempo bastante poético para satisfazer um público mergulhado nas visões intuitivas e simplificadoras (Antônio Candido).

Em 1988, houve a promulgação da Constituição Federal, apelidada de cidadã, justamente porque resultou da organização de muitos movimentos sociais que esperavam um país com justiça social após tantos anos de Ditadura Militar. Neste processo de articulação para produção de um ordenamento jurídico de um Estado Democrático de Direito, o movimento quilombola se fez presente. Foram vários os avanços conquistados do ponto de vista legal, ainda que, para a concretização e mudanças efetivas na vida das comunidades quilombolas, ainda haja muito por fazer. É importante registrar como conquista neste processo a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCN-EEQ) (2012). Depois de termos garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 9394/96, a Educação Escolar Quilombola como modalidade (DCN-EEQ) estabelece importantes parâmetros para a organização da educação que atenda adequadamente a população quilombola.

Conforme os resultados do Censo 2022, atualmente são 1.330.186 pessoas declaradas quilombolas no Brasil, correspondendo a 0,66% da

população. São 8.441 localidades quilombolas e a Região Nordeste conta com 63,81% do total, seguida pelo Sudeste, com 1.245 localidades (14,75%), e Norte com 1.228 (14,55%), ou seja, o Brasil também é quilombola. De acordo com as DCN-EEQ:

[...] os quilombolas são considerados comunidades e povos tradicionais. Isso porque são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuidores de formas próprias de organização social, utilizam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, são ocupantes e usuários de territórios e recursos naturais como condição à sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica (Brasil, 2012).

A população quilombola, embora tenha tantas histórias e memórias -cultivadas em seus territórios que foram e são espaços de resistência de um grupo que não se deixou curvar ante a violência racial que desde a escravização tentou eliminar a população negra - encontram dificuldades para perpetuar estes conhecimentos entre seus próprios sujeitos e para a sociedade de modo geral. Tais dificuldades estão ligadas à não efetivação dos direitos fundiários que garantem a essas comunidades a permanência em seus territórios, onde tais conhecimentos foram e são produzidos. Suas histórias muitas vezes “passa de boca em boca” mantendo a tradição dos griôs, como no chão africano. Porém, de acordo com Amanda Crispim Ferreira:

Assim, acredita-se que a narrativa dos griots afro-brasileiros tem uma missão diferente da dos africanos. Não é uma narrativa só de informação e preservação, mas também de resistência, que busca ultrapassar as barreiras do discurso dominante, a fim de apresentar o outro lado da História, pois, ao fazer isso, dá às novas gerações a oportunidade de conhecerem sua “verdadeira” história e construir suas identidades. Ao narrarem suas memórias, formam e educam os mais novos para aprenderem a se defender da opressão do discurso oficial e a lutarem contra o preconceito (2013, p. 27).

Se é fato que existem muitos quilombolas, que eles e elas possuem muitas histórias e que elas continuam vivas pela oralidade, também o é que estas histórias precisam também ocupar os livros. Temos acompanhado o importante avanço das Literaturas Indígenas para crianças, das quais representantes como: Graça Graúna, Daniel Munduruku e Trudua Dorrico são expoentes importantes. Literatura produzida por indígenas para comunicar suas histórias, culturas, memórias, sonhos e imaginários.

Também há um vasto crescimento do que Eliane Debus (2021) intitulou como Literatura Infantil de Temática Africana e Afro-brasileira, ou seja, são histórias que trazem culturas, memórias e conhecimentos da população negra em África e fora dela. Atualmente, escritores e escritoras negros/as estão bem consolidados/as nesta produção, tais como: Heloisa Pires, Kiusan Oliveira, Patricia Santana, Waldete Tristão, Lucimar Rosa Dias, Sonia Rosa, Madu Costa dentre outros/as.

Apesar de afirmarmos sua existência, sabemos que a produção é inicial e, por isso, este artigo pretende afirmar o lugar desta literatura e a importância de refletirmos sobre ela. As considerações partem das vivências das autoras como quilombola e aquilombada que se dedicam a pesquisas em educação e são escritoras. Embora a reflexão sobre Literatura Infantil Quilombola (LIQ) seja inicial, assumimos que ela existe e nos inspiramos em Debus (2021) para defini-la assim: Literatura Infantil Quilombola é literatura produzida por quilombolas que trazem as culturas, histórias e memórias a partir de seus territórios. A reflexão sobre a produção da literatura e suas marcas culturais nos levou a pensar que, assim como os/as escritores/as indígenas nomeiam sua literatura considerando a autoria, para nós é Literatura Infantil Quilombola aquela que tem a marca da autoria e do chão onde as/os autores/as construíram suas lutas e existências.

Em diálogo com Debus (2021), a literatura que trata de histórias e culturas quilombolas, mas não é escrita pelos próprios/as sujeitos/as, chamaremos de Literatura Infantil de Temática Quilombola, ou seja, há distinção entre Literatura Infantil Quilombola e Literatura Infantil de Temática Quilombola.

Assim, este artigo traz análises em torno da conceitualização desta literatura. A reflexão sobre a produção da literatura e as marcas culturais nos levou a refletir que, assim como os/as escritores/as indígenas, estamos nomeando esta literatura considerando sua autoria, ou seja, por ser definida como Literatura Infantil Quilombola aquela produzida por autores/as quilombolas a partir de seus territórios, ela é um importante instrumento na realização da Educação Escolar Quilombola.

A LITERATURA INFANTIL QUILOMBOLA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Muitas demandas e desafios se colocam para a realização da Educação Escolar Quilombola formulada a partir dos próprios territórios com suas culturas e saberes. Dentre elas, há uma discussão em curso produzida pelo Coletivo de Educação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais (CONAQ), que trata da produção literária infantil dirigida às infâncias quilombolas do Brasil. A partir das nossas atuações no campo político, acadêmico e da educação básica, sabemos que um dos maiores desafios na implementação da Educação Escolar quilombola é a ausência de materiais didáticos-pedagógicos que dialoguem com as realidades quilombolas. Faltam livros na formação escolar de crianças, jovens e adultos das comunidades que tragam seus(suas) ancestrais, suas tecnologias, suas histórias e memórias.

Neste sentido, a Literatura Infantil Quilombola (LIQ) poderá responder à necessidade de professoras da educação básica que atuam nas escolas quilombolas de disponibilizarem para seus estudantes uma literatura que reflita e dialogue com as histórias da comunidade a que pertencem ou atuam. Faz parte da rotina da Educação Infantil e de turmas de alfabetização a leitura cotidiana, porém, pela ausência da LIQ, o que acontece em inúmeras turmas é a não inclusão, nesta rotina, da leitura de autores/as quilombolas, porque muitos/as deles/as ainda não são suficientemente conhecidos/as. Como argumenta Cristian Javier Lopez e outros,

[...] embora esses contos clássicos da literatura ocidental possam sempre auxiliar na formação leitora, na ampliação da criatividade e da fantasia, a eleição de textos literários voltados às representações do passado de seu próprio povo, da história que o construiu, das condições que o confinou, muitas vezes, à margem da sociedade colonialista, é fundamental para desenvolver um processo de leitura libertadora e identitária, capaz de levar o aluno não só a conhecer as lutas de seus antecedentes, mas também a valorizar, de fato, aquilo que os povos subjugados fizeram para construir as nações que hoje permanecem governadas, em sua maioria, por descendentes de colonizadores (2023, p. 231).

A produção da LIQ não tem despertado o interesse das grandes editoras³, ocasionando a desconsideração deste grupo étnico-cultural e de sua contribuição para a produção da literatura infantil brasileira. Para dar conta desta ausência, incentivamos, a partir do Coletivo de Educação da CONAQ, projetos que visam fomentar a produção da LIQ, pois sentimos falta de livros literários que dialoguem com a vida das crianças quilombolas, com as histórias que os avós contam e contavam. Enfim, uma literatura feita pelos próprios sujeitos/as.

Há algumas produções já neste caminho, por exemplo, a obra de Laura Santos, ilustrada por Ana Cardoso e intitulada *Já sou grande!*. O livro narra a relação de uma menina quilombola com a sua avó que a ensina sobre como plantar alface e sobre os ciclos de crescimento da planta, sob o cenário que remete ao de seu território quilombola de Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro. Uma narrativa que vincula territorialidade, identidade e conhecimentos tradicionais.

Figura SEQ Figura * ARABIC 1 - Capa livro Já Sou Grande

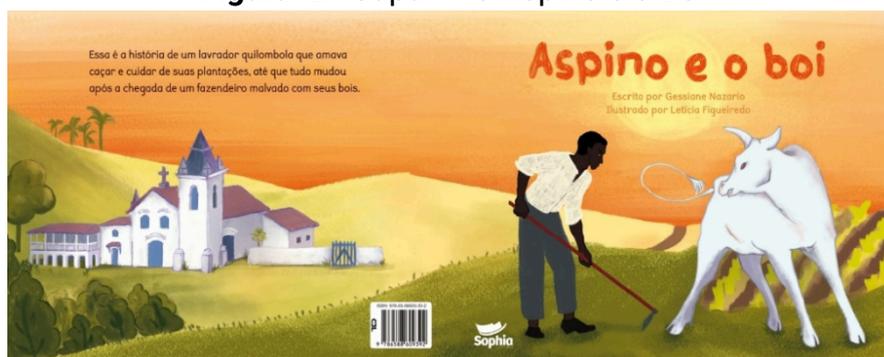
³ Para ilustrar este argumento citamos uma matéria do jornalista Lucas Veloso veiculada pelos jornais Nonada e Nexo Jornal. Ele fez um levantamento sobre escritoras quilombolas e suas dificuldades de inserção na literatura e no mercado editorial. O jornalista consultou o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e ambas não possuíam informações sobre publicações de autores/as quilombolas. Disponível em <https://www.nonada.com.br/2025/03/com-pouco-incentivo-escritoras-quilombolas-buscam-es-paco-na-cenaliteraria/#:~:text=Com%20pouco%20incentivo%2C%20escritoras%20quilombolas%20buscam%20espa%C3%A7o%20na%20cena%20liter%C3%A1ria,-11%20de%20mar%C3%A7o&text=Aspino%20C3%A9%20um%20lavrador%20quilombola,terras%20e%20intimidar%20sua%20comunidade.>



Fonte: Amazon, 2025.

O livro de Gessiane Nazário, que foi ilustrado por Letícia Figueiredo, chama-se: *Aspino e o boi*. A autora narra a história de um lavrador quilombola, seu avô, e se inspira nas histórias ouvidas pelos mais velhos. Trata-se de uma luta travada entre Aspino e fazendeiros que queriam intimidar as famílias quilombolas. O livro traz uma discussão, em linguagem simples sobre: escravidão, processos de arrendamento no pós-abolição e expropriação das terras dos quilombolas, a partir da trajetória de um quilombola.

Figura 2 - Capa livro *Aspino e o Boi*

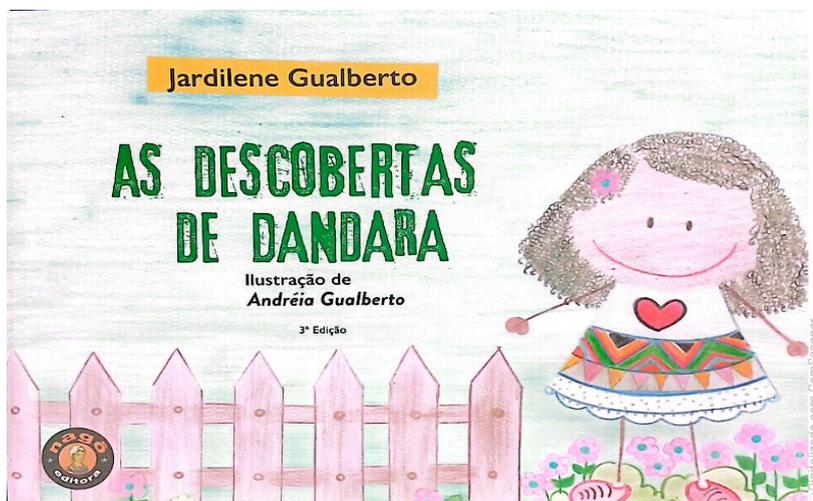


Fonte: Acervo da autora.

Também citamos o livro de Jardilene Gualberto, quilombola da comunidade Lajeado, no estado do Pará (PA). O livro, dirigido para o público infantil, narra a história de uma menina que quer entender as diferenças

fenotípicas entre ela e as/os colegas da escola. A história valoriza tanto a estética negra como o território quilombola no qual se passa a história.

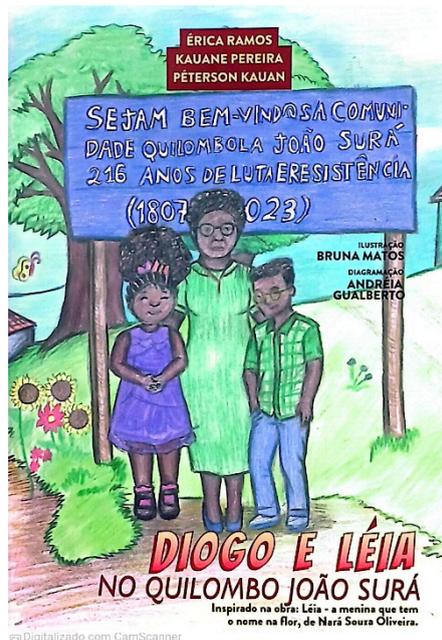
Figura 3 - Capa livro As Descobertas de Dandara



Fonte: Acervo da autora.

Há também produções em oficinas literárias ou nas atividades didático-pedagógicas que resultam em coletâneas não publicadas que são realizadas em escolas quilombolas, como foi o caso do que fizeram os jovens estudantes Érica Ramos, Kauane Pereira e Pétersson Kauan da Escola Estadual Quilombola, em João Surá, sob orientações da professora Vanessa Rocha. Os jovens criaram uma linda narrativa sobre o cotidiano na comunidade em que vivem. O livro foi inspirado na obra de Nará Souza Oliveira, *A menina que tem o nome da flor*.

Figura 4 - Capa Livro Diogo e Léia no Quilombo João Surá



Fonte: Acervo da autora.

Nará Souza Oliveira foi premiada na categoria *Escrita e Oralidades*, no Prêmio Palmares de Artes, em 2021, com o romance *Sô Zoripes e A moça com anel de pedra verde*. São contos passados em uma roda de histórias em que adentramos no universo quilombola. Não tem um foco específico na literatura infantil, mas é um texto que pode ser compartilhado com pessoas de idades distintas.

A LIQ tem sido uma produção para as infâncias quilombolas feita em sua maioria por adultos ou mesmo escrita em coautoria com as crianças em contexto escolar (como a obra citada acima). Nasce no processo contínuo da Educação Escolar Quilombola, inspira-se nas muitas histórias contadas pelos/as mais velhos em momentos que nem sempre são sistematizados. É uma literatura que tem suas marcas na oralidade. Para Leda Martins, é uma produção chamada oralitura “[...] Como tal, a palavra ecoa na reminiscência performática do corpo, ressoando como voz cantante e dançante, numa sintaxe expressiva e contígua que fertiliza o parentesco entre os vivos, os ancestrés e os que ainda vão nascer” (2003, p. 76).

Em grande parte da história das infâncias quilombolas as histórias de luta por direitos, resistências e todo um universo criativo estavam (e em grande

medida estão) desconectadas do ambiente escolar, denunciando uma completa ausência de representações que dizem respeito a este universo de experiências. Mesmo considerando as complexas realidades da diversidade territorial dos/as quilombolas, as narrativas literárias podem dialogar com essas infâncias. Elas, muitas vezes marcadas pela violência em territórios, mas há muitos modos de viver que não dizem apenas de sofrimento.

É possível, como se apresenta no livro de Nazário, transformar estas vivências em literatura que traga às crianças importantes referências para outros imaginários possíveis, apesar da dura realidade em que viviam seus antepassados e muitas vezes elas mesmas. A literatura com sua força poderia e deveria trazer estas experiências quilombolas e fazer parte das rotinas escolares das crianças destes territórios.

Samara da Rosa Costa, Sara da Silva Pereira e Lucimar Rosa Dias (2021) afirmam que devemos inserir as crianças em contextos que as aproximem da diversidade cultural, sendo a literatura um recurso inestimável para este processo. O fato é que uma produção construída por adulto, mas adaptada conforme a perspectiva do/a leitor/a, levando em consideração a identidade étnico-racial carregada de significados históricos, fortalece o projeto político do Movimento Quilombola.

Ainda que existam poucos títulos e talvez precisamente por isso, seria importante que o Programa Nacional do Livro e do Material Didático⁴ (PNLD) realizasse editais específicos ou então incluísse que as editoras deveriam apresentar pelo menos um título dentre os livros inscritos que sejam de Literatura Infantil Quilombola. Sem dúvida isso estimularia a produção, pois não é suficiente que tenha livros de temática afro-brasileira para que quilombolas estejam contemplados, pois existem especificidades nesta identidade e não é possível limitar a identidade quilombola apenas à questão afro-brasileira. A

⁴ O Ministério da Educação por meio da Secadi anunciou, no final de 2024, o Edital PNLD Literário Equidade que incluirá obras literárias de autores/as quilombolas. Para maiores informações ver: https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programa-s-do-livro/consultas-editais/copy_of_EDITALPNLD_Equidade_AUDIENCIA.pdf. Acesso em 26 jul 2025.

identidade afro-brasileira e a identidade quilombola dialogam, mas se diferenciam ao mesmo tempo.

A diferença está relacionada à heterogeneidade social e cultural referenciadas a partir de um território. Com relação aos afro-brasileiros, é necessário considerar a questão da diáspora africana e suas consequências na formação das diferentes sociedades. “Reivindicar essa diferença traz consigo uma crítica profunda ao processo de aniquilamento das singularidades, tomado como algo violento e assimétrico, mesmo quando realizado em nome dos mais elevados ideais universalistas” (Viana, 2012, p. 215).

É disso que estamos tratando, isto é, de uma ampliação da literatura infantil no sentido de contemplar diversos grupos. Esta postura não é nova, nós estamos reivindicando junto a outros, como outros grupos, que a literatura infantil expresse seus marcadores de diferença, por exemplo, a presença de crianças com deficiência como personagens literários é uma demanda que vem sendo discutida. Claudia Bezerra (2022) afirma que:

Quando colocamos no livro infantil personagens com alguma deficiência, a criança com deficiência, vai sentir-se representada, e conseqüentemente, sua autoestima será elevada, pois se reconhecerá naquele personagem com alguma limitação, seja ela cognitiva, motora ou sensorial. Assim, as crianças, sem deficiência, vão reconhecer no personagem um colega da escola, um vizinho ou um familiar que tenha alguma deficiência, ou seja, vão compreender a diversidade de forma natural (Bezerra, 2022, p. 11).

O reconhecimento de si e do outro na literatura é um direito. Isto posto, literatura que narre culturas, histórias e memórias quilombolas é um direito das crianças quilombolas. Precisamos considerar as condições históricas destas crianças e as trajetórias de suas/seus ancestrais que tiveram seus direitos à escolarização formal negados durante e depois do período da escravidão no Brasil.

A identidade quilombola emerge de conflitos territoriais vinculados a uma ancestralidade referenciada no período da escravidão. Sempre é necessário voltar a essa questão para compreender os temas e direitos destinados a este grupo. Situando essa discussão na literatura infantil, o próprio conceito é criado para atender a uma criança branca e burguesa a partir

do final do século XVII, quando as sociedades ocidentais começam a considerar as infâncias. Três séculos depois, nós, descendentes daquelas pessoas que tiveram suas infâncias violadas, reivindicamos tirar nossas memórias e existências do silêncio. Dar lugar a narrativas quilombolas neste lugar que ainda é distante de nossas crianças: o livro literário.

De acordo com Débora Araujo e L.R. Dias, “[...] a educação literária se apresenta como aliada à superação de práticas pedagógicas improvisadas, por ser ela um campo privilegiado e dotado de ferramentas adequadas ao trabalho com o texto literário de modo enriquecedor e ampliador dos referenciais culturais de mundo (2019, p. 18).

A LIQ também atua para garantir a formação pelo gosto literário, direito que está no âmbito dos Direitos Humanos, aqueles indispensáveis a qualquer pessoa. A partir da publicação das memórias dos mais velhos, pode-se oportunizar que representações sociais nesse estilo estético estejam presentes na experiência das novas gerações de crianças quilombolas. O que falta nessa arte literária convencional é a nossa história, de nossos ancestrais, que deram suas vidas, derramaram sangue e suor para que continuássemos a existir.

REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL CARACTERIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL QUILOMBOLA

Como já explicitamos, a LIQ é um campo a ser desbravado e, neste item, queremos trazer alguns aspectos que temos refletido sobre características possíveis desta literatura. Evidentemente não é uma receita e sim indicativos que se originam na reflexão e experiência de pessoas quilombolas e são resultados de muitas conversas sobre o tema.

Situamos a nossa discussão no campo de disputas de narrativas históricas que tem priorizado o ser branco na sociedade brasileira. Dessa forma, consideramos importante dialogar com o campo teórico já consistente nos estudos literários, que é o da literatura infantil brasileira. Concordamos com a ideia do recurso da adaptação, argumentado por Zilberman (2003), o qual indica “meios de relativizar” o fato de que é uma produção construída por

adulto, mas adaptando conforme a perspectiva de nosso pequeno leitor, levando em consideração a sua identidade étnica carregada de significados históricos. É importante considerar que, no Brasil, a pessoa responsável por mudar a literatura destinada a crianças e jovens no Brasil foi o eugenista Monteiro Lobato. Embora tenha rompido com a tradição literária baseada no folclore europeu, construiu uma produção racista que sub humanizava as/os personagens negras/os da história. É essencial trazer esse fato, pois destaca as bases racistas e discriminatórias na qual a Literatura infantil brasileira é criada e difundida. Mesmo com o objetivo de descentralizar a literatura de obras pautadas em contos europeus, escrita para crianças europeias e de focar em contos populares brasileiros, seus textos precisam ser revistos no presente e suas obras, quando lidas, devidamente criticadas, para ajudar as crianças a pensarem o que é o racismo e aprenderem a combatê-lo.

Houve uma mobilização e emergência de novas práticas pedagógicas antirracistas oportunizadas pelo artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 1 (Leis 10.639/08 e 11.645/08), porém as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012 (DCN-EEQ), não produziu o mesmo efeito social, ainda que em seu artigo 38, quando trata da organização curricular, inclua “VI - a elaboração e uso de materiais didáticos e de apoio pedagógico próprios, com conteúdos culturais, sociais, políticos e identitários específicos das comunidades quilombolas”, o que poderia ser abordado por meio da LIQ. Tem-se também a necessidade de se ter em sala de aula livros sob uma óptica quilombola que possibilite à criança quilombola se ver representada num espaço estético importante e valorizado como um livro. Não é um livro de príncipes e princesas brancas, mas de pessoas próximas à sua história e realidade.

O aspecto da oralidade é um fator importante a ser considerado na Literatura Infantil Quilombola. As histórias das pessoas quilombolas ficaram por décadas no silêncio e invisibilizadas no âmbito público, estando restritas ao seio familiar. Histórias de resistências vinculadas ao território que se reivindica, por muito tempo permanecerem desvalorizadas. A chamada LIQ deve

impulsionar a produção e publicação de autoras e autores quilombolas com temáticas específicas das comunidades que fazem referência às suas trajetórias de vida nos territórios quilombolas. Ela pode contribuir nas demandas das especificidades necessárias das comunidades quilombolas, conforme estabelecidos nas DCN's-EEQ.

Elementos que compõem a ilustração e narrativas podem trazer imagens, descrições que familiarizem as pessoas com os lugares de vivência das crianças quilombolas e ao mesmo tempo lhe permitam identificar seus territórios no que leem. Daí a importância de se impulsionar autoras e autores quilombolas, pois são conhecedores/as de seus territórios e dos lugares importantes para integrar a história narrada. Conflitos também podem ser um elemento presente nestas obras, tendo em vista a realidade que essas crianças vivem. A nossa literatura também emerge de conflitos por justiça e pode incomodar as pessoas que não são favoráveis à nossa luta.

Uma das autoras quilombolas deste ensaio ouvia histórias fascinantes dos mais velhos, enfrentando os fazendeiros e isso criava um universo imaginário muito instigante nela. Na medida em que a literatura infantil é uma ferramenta de estímulo ao imaginário e criatividade das crianças, a LIQ atua na direção de incutir no imaginário infantil a reflexão sobre a sua realidade imediata e de outras pelo Brasil, ampliando o seu senso crítico de forma lúdica e prazerosa, além de potencializar as suas habilidades de compreensão linguística e leitora. E a LIQ pode trazer estes elementos do mesmo modo como os mais velhos contam na oralidade e ampliar essas vozes para outras localidades, fortalecendo o movimento político de combate ao racismo na literatura, ao trazer esses mais velhos para o centro da história, conferindo-lhes o lugar de protagonistas.

A narrativa histórica, por meio da oralidade, está presente nas tradições familiares de muitas comunidades quilombolas Brasil afora. As tias, avós, avôs e tios nos contam histórias que seus pais e avós lhes contavam sobre a existência de nosso povo em determinado território. A Literatura também é o arranjo de palavras presentes na oralidade. Podemos dizer que literatura quilombola é o registro dessas memórias de resistências e de fantasias

compartilhadas, numa história coletiva, que nossos avós viveram e não tiveram oportunidade de eles mesmos registrá-las. Lembrando que foi com a palavra oral, bem antes da escrita e seu mundo letrado, que a literatura se estabeleceu. A literatura é uma poderosa aliada nos currículos escolares por ser um potente instrumento que contribui no conhecimento intelectual e no campo dos afetos na formação do indivíduo.

CONCLUINDO SEM FINALIZAR...

Na LIQ, é imperativo que valores caros à população quilombola estejam presentes, como o direito ao território para garantir os seus modos de viver. Nesse sentido, essa literatura se impõe num campo de disputa de valores entre os que romantizam a nossa existência e nos exotizam e nós, que queremos contar a nossa história nos nossos termos, com os nossos jeitos de ser. É disputar a narrativa colonizadora e hegemônica que cria padrões culturais sobre as diferentes comunidades quilombolas no Brasil com o nosso trabalho de construção de valores que contribuam para a formação da pessoas quilombolas e dos não quilombolas a partir de uma atmosfera de justiça.

A literatura também é um espaço de disputas e, por isso, a importância de nós mesmas, quilombolas, desenvolvermos reflexões por nós e para nós. A intelectualidade quilombola emerge em meio as políticas afirmativas e podemos produzir para o nosso próprio povo. Este é o sentido de não ter alguém falando ou fazendo por nós. A magia da literatura é uma das estratégias que ajuda na autoestima para que as futuras gerações não cresçam duvidando de suas capacidades para elaborar conhecimentos que contribuam na construção de uma sociedade justa e democrática. Nossas crianças precisam crescer sabendo que elas são inteligentes e capazes para isso é preciso sonhar, imaginar e reconhecer-se.

A Literatura Infantil Quilombola é, também, um projeto de incidir na produção do gosto literário das crianças quilombolas e não quilombolas, para contribuir com o projeto de uma nação leitora. Mas esse acesso à leitura é um

projeto. Deve permear os objetivos das políticas públicas destinadas às infâncias quilombolas. A convivência com o texto deve ser compreendida como uma ampliação de horizontes. Nesse sentido, a Literatura Infantil Quilombola soma-se ao projeto político das pessoas quilombolas em torno da emancipação plena.

A LIQ quilombola pode ser compreendida tanto sob o viés da diversidade cultural quanto sob o viés da formação do ser quilombola e do não quilombola em se constituir enquanto uma pessoa que compreenda a diversidade e se sensibilize com a história do outro. A LIQ apresenta a expressão de um mundo complexo e os significados que nós atribuímos a ele, manifesta as emoções individuais e coletivas a partir do povo quilombola. É uma forma de divulgação de nossas trajetórias de vida. Negar a fruição das crianças a esse universo formativo é mutilar o processo de humanização e consciência crítica delas. Nosso desejo é difundir as histórias silenciadas, impulsionar talentos literários em nosso povo. Os/as narradores/as de suas próprias histórias! Que haja mais Carolinas de Jesus, mais Antônio Bispos, mais Rosas Geraldas da Silveira, incontáveis escritoras/es quilombolas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Kellynia Farias. **Resistência Negra no Círculo de Cultura Sociopoético**: pretagogia e produção didática para a implementação da lei 10.639/03 no jovem urbano. Dissertação (mestrado) em Educação. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 2015. 159f.
- BANKOE, Katherine. Mulheres africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- DEBUS, ELIANE SANTANA DIAS. As literaturas africanas de língua portuguesa para jovens publicadas no Brasil: Editoras Pallas e Kapulana. In: Denise Salim Santos; Flávio de Aguiar Barbosa. (Org.). **O português daqui, dali e de lá**: por uma língua que nos una. 1ed. São Paulo: Parábola, 2021, v. 1, p. 95-104.

GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/642>. Acesso em: 20 jan. 2020.

VIANNA, Adriana de Resende Barreto. A antropologia, as diferenças e as desigualdades. In: Lima, Antonio Carlos de Souza. Org. **Antropologia e direito-temas antropológicos para estudos jurídicos**. Brasília: ContraCapa/LACED/Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.